

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Letras – FL

Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de
Texto - PROLEITURA

Gabriel Soares Farias

**LETRAMENTO LITERÁRIO EM UMA PERSPECTIVA QUEER DO LIVRO
“LUNDU”, DE TATIANA NASCIMENTO**

Belo Horizonte,

2024

Gabriel Soares Farias

**LETRAMENTO LITERÁRIO EM UMA PERSPECTIVA QUEER DO LIVRO
“LUNDU”, DE TATIANA NASCIMENTO**

Monografia de especialização apresentada ao
Programa de Pós-graduação em Letras da
Universidade Federal de Minas Gerais como
requisito parcial para a obtenção do título de
Especialista em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Dra. Aline Magalhães.

Belo Horizonte,

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ATA

FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

Realizou-se, no dia 11 de novembro de 2024, às 16:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado LETRAMENTO LITERÁRIO EM UMA PERSPECTIVA QUEER DO LIVRO "LUNDU", DE TATIANA NASCIMENTO, apresentado por GABRIEL SOARES FARIAS, número de registro 2022656738, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Aline Magalhães Pinto - Orientadora, Prof. Breno Anderson Souza de Miranda, Prof. Pedro Henrique Trindade Kalil Auad.

A Comissão considerou o Trabalho:

(X) Aprovado

() Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 11 de novembro de 2024.

Profa. Aline Magalhães Pinto (Doutora)

Prof. Breno Anderson Souza de Miranda (Mestre)

Prof. Pedro Henrique Trindade Kalil Auad (Doutor)



Documento assinado eletronicamente por **Breno Anderson Souza de Miranda, Usuário Externo**, em 13/11/2024, às 06:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Aline Magalhaes Pinto, Professora do Magistério Superior**, em 14/11/2024, às 19:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Henrique Trindade Kalil Auad, Professor Magistério Superior-Substituto**, em 21/11/2024, às 19:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3636451** e o código CRC **3E2AFB1C**.

A Marcelo Chiaretto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todo corpo docente e administrativo do PROLEITURA, os quais fizeram um trabalho excelente ao fornecer o aprimoramento teórico e prático com qual tive a oportunidade de ter contato durante todo o período da especialização. Certamente, são contribuições relevantes para a minha formação como professor.

Agradeço à minha orientadora, professora Aline Magalhães, as sugestões e direcionamentos na escrita desta monografia. Agradeço a paciência e a disponibilidade.

Agradeço também à Cacilda Rios e a Bruno Costa da secretária o incentivo para que eu finalizasse este trabalho. Agradeço enormemente a compreensão.

Agradeço à minha família, meus pais e irmãos, principalmente, o apoio e o todo carinho ao longo da minha jornada acadêmica. Agradeço à família de meu companheiro e a ele, Nathan Felipe, o apoio e o carinho.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos e colegas que participaram direta ou indiretamente na elaboração deste trabalho. A todas e todos, meu muito obrigado.

santo-forte:
oráculo-bússula-talismã
Odú de Ifá, norte
hoje ontem amanhã
enche minha vida de sorte

tatiana nascimento

RESUMO

O objetivo deste trabalho é uma apresentação de uma proposta didática sob uma perspectiva queer do livro de poemas “lundu” (2017), da poeta brasileira tatiana nascimento. Fundamentando-se nos trabalhos de Guacira Lopes Louro (2001) e Richard Miskolci (2013), apresenta-se brevemente a Teoria Queer, a qual busca questionar as construções binárias de sexualidade e de gênero, bem como hierarquias identitárias que sustentam opressões de diversas matizes. Ademais, parte-se das contribuições críticas de Maria Carolina Rodrigues da Silva (2023), bem como da própria produção ensaística-teórica de tatiana sobre o Cuírlombismo literário, o qual intersecciona a teoria queer à teoria do Aquilombamento de Beatriz Nascimento e Abdias do Nascimento. Sendo assim, a sequência didática conta com um recorte de poemas da obra sinalizada, a fim de que, na prática da sala de aula, categorias sociais, políticas e textuais, ao que concerne o texto poético, sejam estranhadas, criticadas e recriadas em uma produção final no PADLET em que se observe o projeto literário de tatiana, de modo que se articule o letramento literário nos termos de Rildo Cosson (2006) à Pedagogia dos Multiletramentos (VERGNA, 2020).

Palavras-chave: Letramento literário; Pedagogia dos Multiletramentos; tatiana nascimento; Teoria Queer.

ABSTRACT

The objective of this work is to present a didactic proposal from a queer perspective of the poetry book “lundu” (2017) by the Brasília poet Tatiana Nascimento. Based on the works of Guacira Lopes Louro (2001) and Richard Miskolci (2013), the text briefly introduces Queer Theory, which seeks to question the binary constructions of sexuality and gender, as well as identity hierarchies that sustain various forms of oppression. Furthermore, it draws from the critical contributions of Maria Carolina Rodrigues da Silva (2023), as well as Tatiana's own essayistic and theoretical production on Literary Cuírlombismo, which intersects Queer Theory with Beatriz Nascimento and Abdias do Nascimento's theory of Aquilombamento. Thus, the didactic sequence includes a selection of poems from the indicated work so that in classroom practice social, political, and textual categories concerning poetic text can be made strange, critiqued, and recreated, culminating in a final production on PADLET that reflects Tatiana's literary project, articulating literary agency in the terms of Rildo Cosson (2006) to the Pedagogy of Multiliteracies (VERGNA, 2020).

Keywords: Literary Agency; Pedagogy of Multiliteracies; Tatiana Nascimento; Queer Theory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – poema “marabô”	24
Figura 2 – poema “a revolta de Odoyá”	25
Figura 3 – poema “mundo vasto”	26
Figura 4 – poema “placas com final sístole ou diástole”	27
Figura 5 – poema “F48. 1”	27
Figura 6 – poema “delirismo”	28
Figura 7- poema “clichê”	30
Figura 8 – poema “prenda minha, v. 3”	31
Figura 9 – poema “pa ojure”	32
Figura 10 – poema “xirê”	33
Figura 11 – poema “kronos é um deus”	33
Figura 12 – poema “banzêro”	34
Figura 13 – poema “lundu”	36
Figura 14- poema “lundu”	37
Figura 15 – exemplo de mural virtual	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 PRECEDENTES LEGAIS	15
2.2 LETRAMENTO LITERÁRIO E A PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS	16
2.3 TEORIA QUEER E O CUÍRLOMBISMO	19
3. SEQUÊNCIA DIDÁTICA – PROPOSTA DE OFICINA LITERÁRIA	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Como afirma Domingos Proença Filho (2004), a literatura brasileira, desde a sua formação, tende a representar a população negra muito mais pelo prisma da objetificação dos seus corpos. De modo geral, a literatura sobre o negro coloca-a em uma posição inferiorizada ao representá-lo a partir de estereótipos racistas como a da força física, a hipersexualização e a bestialização. Isso encontra-se em diversas obras de autores que pertencem ao cânone brasileiro, isto é, as obras que formam o panteão clássico daquilo que representa o que foi considerado pela crítica e pela historiografia literária como o melhor produzidas pelas letras nacionais. Gregório de Matos, Cláudio Manoel da Costa, Joaquim Manoel Macedo, Aluísio de Azevedo, por exemplo, são artistas que, como homens de seu tempo, revelam a ideologia racista que impregna a formação não só da literatura, como também da própria nação brasileira, a qual foi desenvolvida a partir do violento aparato colonial, que ainda permanece na atualidade, a partir da colonialidade do poder, que segundo Quijano (2005), elabora discursos de subalternização para explorar e dominar os saberes dos povos colonizados, mesmo em sua aparente independência. Nesse sentido, a literatura também se configura como um dispositivo de poder, nos termos de Foucault (1979) quando é aquela que vincula esse tipo de representação dos grupos subalternizados, cabendo a crítica feita por Luís Augusto Fischer (2021) à tradição historiográfica da formação da literatura brasileira como algo que seria unívoco no senso de nação comum por parte da elite, estendendo seus apontamentos para a produção de Antonio Candido.

Por outro lado, na contramão desse tipo de visão, artistas, principalmente negros, utilizam-se desse dispositivo para revertê-lo não só como uma ferramenta de denúncia a essas violências, como também de contra-ataque discursivo para criar e renovar essas perspectivas deterministas e, por conseguinte, reducionistas. A literatura contemporânea tem se mostrado como um lugar em que diversas vozes, outrora reprimidas, questionam e se impõe para trazer suas perspectivas a partir do seu lugar de fala, o qual se entende como um ponto de vista sociopoliticamente situado que possibilita ao sujeito contar a sua narrativa que possui status de legitimidade justamente por partir das experiências vividas (DALCASTAGNÈ, 2012).

Sendo assim, a escola, como um lugar privilegiado para a formação de um cidadão crítico em uma democracia, deve ser um espaço para que sejam apresentadas aos estudantes a maior diversidade de textos e de autores/as, não só aqueles/as que compõem o cânone, em que as vozes heterocisnormativas brancas da elite econômica predominam, como também as vozes que foram esquecidas ou, negligenciadas, propositalmente (ou não) pelo ponto de vista burguês

da arte. Trazer vozes de escritores negros/as, indígenas bem como dos dissidentes sexuais, entre outras perfis identitários, torna o espaço da escola muito mais acolhedor, pois possibilita o convívio da diversidade que compõe as sociedades, principalmente a brasileira. Isso encontra respaldo, inclusive na legislação brasileira no que tange à Base Nacional Curricular Comum (2018), a qual defende o campo artístico-literário deve

diversificar, ao longo do Ensino Médio, produções das culturas juvenis contemporâneas (slams, vídeos de diferentes tipos, playlists comentadas, raps e outros gêneros musicais etc.), minicontos, nanocontos, best-sellers, literatura juvenil brasileira e estrangeira, incluindo entre elas a literatura africana de língua portuguesa, a afro-brasileira, a latino-americana etc., obras da tradição popular (versos, cordéis, cirandas, canções em geral, contos folclóricos de matrizes europeias, africanas, indígenas etc.) que possam aproximar os estudantes de culturas que subjazem na formação identitária de grupos de diferentes regiões do Brasil (BRASIL, 2018, P. 514).

Partindo desse precedente legal, o objetivo deste estudo é propor uma sequência didática sobre poemas selecionados do livro “lundu” (2017), da poeta tatiana¹ nascimento, a partir de um letramento literário baseado em uma perspectiva queer e na Pedagogia dos Multiletramentos.

tatiana Nascimento, nascida em 1981, é uma poeta, compositora, tradutora de Brasília, a qual, juntamente com a poeta Bárbara Esmênia, fundou editora Padê Editorial, que publica livros artistas negras e/ou lgbtqia+ de maneira independente e com livros feitos à mão. Tal linha editorial vem também da própria ser/agir no mundo de tatiana, a qual, como mulher negra e lésbica, faz da sua poesia um dos seus lugares de enfrentamento ao racismo e à violência do patriarcado e do seu aparato colonial. A artista publicou os livros “esboço” (2016), “lundu” (2017), “mil1994” (2018), “07 notas sobre o apocalipse, ou poemas para o fim do mundo” (2019), “Oriki de amor selvagem: todos os poemas de amor preto (ou quase)” e “palavra preta” (2021), o qual foi finalista do Prêmio Jabuti de 2022 pela categoria Poesia. Foi também a primeira tradutora de Audre Lorde, poeta e escritora estadunidense feminista, no Brasil. tatiana também escreve ensaios e manifestos, sendo o “Cuir lombismo Literário: poesia negra LGBTQI desorbitando o paradigma da dor”(2019) um dos seus mais conhecidos, por propor a

¹ Assim como faz Silva (2023), também adotaremos neste trabalho a escrita do nome da poeta em letra minúscula, que, assim como bell hooks, encara essa escolha como um posicionamento político. Em matéria homenageando a escritora estadunidense, a Fundação Getúlio Vargas pontua que “bell hooks, assim mesmo, em minúsculas, é o pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua avó. O nome escolhido, grafado em minúscula, é um posicionamento político da recusa egoíca intelectual. hooks queria que prestássemos atenção em suas obras, em suas palavras e não em sua pessoa. Sua vasta produção articulava as relações entre o imperialismo econômico, a supremacia branca e o patriarcado, tornando-se referência fundamental para toda produção intelectual voltada a compreensão dos entrelaces entre as dinâmicas de raça, classe e gênero nas práticas culturais, acadêmicas, subjetivas e cotidianas.” Disponível em:

desconstrução de uma literatura estereotipada sobre o negro e a construção de uma poesia que fale também da reação pelo afeto.

Portanto, a escolha pela obra de Tatiana Nascimento justifica-se pela importância dos seus textos em trazer à tona uma perspectiva não-hegemônica. O livro “lundu” foi selecionado por justamente propor uma estética pautada no chamado Cuírlombismo, neologismo que comporta a palavra “queer” e o “quilombo”, duas categorias que serão sucintamente desenvolvidas no decorrer deste trabalho (detendo-se sobretudo na primeira), as quais desestabilizam a norma pela sugestão da pluralidade e da resistência de corpos violentados pela cisheteronormatividade racista. Como afirma Maria Carolina Rodrigues Bastos da Silva (2023) em sua dissertação de mestrado:

Seu projeto literário tem como epicentro produtivo o resgate da cosmogonia afrodiaspórica, a partir das simbologias das Orixás Iansã, Oxum e Iemanjá. A autora, então, utiliza itãs para a produção de seu texto poético e, assim, procura desvencilhar sua prática representativa do modus operante que a colonização entregou ao corpo feminino negro (p. 108);

Segundo a pesquisadora, Tatiana engaja-se nesse projeto não só do ponto de vista conteúdo dos seus poemas como também o faz na forma, isto é, na maneira como ela utiliza a linguagem verbal e não verbal no seu lirismo:

seus poemas são escritos em letras minúsculas, como forma de reivindicar a sua produção fora da lógica hegemônica; sua obra tem fonte na água gozosa, que está por toda parte, do início ao fim, por isso cada página da obra “lundu” (2017) é construída para formar uma onda, dos poemas menores aos maiores; junto à sintaxe com truncamentos, abre-se para uma semântica com uma pluralidade de sentidos, brincando com a simbologia das palavras e com a capacidade metafórica; seus poemas são como danças que se abrem ao ritmo de lundu, dança tradicional africana. (p. 112)

Tendo em vista a análise proposta pela pesquisadora, nesta monografia, busca-se verificar como os poemas da poeta brasileira podem ser utilizados no ensino de literatura que se alinhe a uma perspectiva queer. Como letramento literário, partimos do que Cosson (2006) afirma sobre a centralidade da obra literária na aula de literatura, de modo que ela não só sirva de pretexto para estudar teoria e historiografia, como também possa ser uma ferramenta de humanização do leitor. Essa humanização vem justamente pelo exercício de alteridade que o texto literário sugere ao colocar diferentes vozes em cena. Nesse sentido, ao humanizar os outros, isto é, torná-los dignos de serem humanos, portanto, validados enquanto existência, a literatura é uma ferramenta profícua no combate às intolerâncias que exterminam a existência daqueles considerados os Outros pela cisheteronormatividade, como os corpos de pessoas negras e de LGBTQIAPN+. Infelizmente, tal realidade encontra-se cotidianamente nas milhares de

mortes, seja pela negligência do Estado, seja pela ação violenta de uma parte da sociedade, a qual se utiliza de seu privilégio para ceifar a vida de milhares consideradas “abjetas”. Sendo assim, é necessário que a escola tenha uma perspectiva que possibilite humanizar todos e todas. Como afirmam José Paulo Alexandre de Barros Júnio e Thaynã Emanoela Guedes Carneiro (2021), evocando Guacira Lopes Louro (2001), importante teórica de uma pedagogia queer, sobre a função da escola em relação às identidades dissidentes,

O maior desafio da escola não é apenas reconhecer a possibilidade da existência desses sujeitos, que suas práticas e performances sexuais e de identidade de gênero se multiplicaram. É necessário romper esse silenciamento, quebrar esquemas binários e construções tradicionais implícitas no currículo e nas práticas de letramento. É necessário representatividade. (p.9)

Perceber, nesse sentido, como a obra de tatiana nascimento pode fazer jus a essa representatividade em sua própria produção poética como corpus literário a ser apresentado no ensino básico é a tarefa desta monografia. Para tanto, este trabalho, primeiramente, fará uma breve retomada de precedentes legais que justificam nossa abordagem. Em seguida, um excursus teórico da concepção central de letramento literário, da Pedagogia dos Multiletramentos, do gênero lírico, da Teoria Queer, bem como da poesia de tatiana nascimento. Em seguida, propõe-se uma oficina de leitura literária, para estudantes da 3ª série do Ensino Médio, a qual explore diferentes aspectos da obra “lundu”, por meio de poemas selecionados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PRECEDENTES LEGAIS

A LDB (9394/96) é o documento que fundamenta os objetivos e normas para a educação brasileira, sendo, portanto, incontornável a sua menção quanto à legitimação da proposta que se defende neste trabalho. Na seção 4 da referida lei, nos artigos referentes ao ensino médio da educação básica, chama atenção o ART. 35, no inciso III, sobre uma das finalidades dessa etapa: “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, 1996), o que é corroborado pela diretriz para a construção do currículo no ART. 36, inciso I:

“destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania” (BRASIL, 1996)

Esse aprimorando da pessoa humana que, no caso do ensino de língua portuguesa, como exercício de cidadania, pode ser alcançado pelo ensino de literatura, na qual se veem perceptivas diversas sobre o mundo. A própria Base Nacional Curricular Comum, nas atribuições das competências que se desejam desenvolver na área de Linguagens e suas tecnologias, orienta que é necessário ao estudante

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 481).

A literatura, como uma prática social de linguagem que projeta essa pluralidade de ideias e posições, é, portanto, uma área de conhecimento favorável para desenvolver a referida competência. Como afirma Cosson (2006), o exercício da empatia é justamente o que faz a experiência literária ser tão potente, pois

não só permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos. (COSSON, 2012, p. 17).

É por meio desse constante exercício de alteridade que a literatura pode combater discriminações e auxiliar na construção de uma sociedade mais respeitosa. Sendo assim, busco neste capítulo definir, primeiramente o que se pretende com um ensino de literatura a partir do letramento literário bem como da contribuição dos multiletramentos, para em seguida pensar como a Teoria Queer pode auxiliar nesse desenvolvimento da cidadania. Diante disso, farei uma

breve revisão da fortuna crítica da poeta tatiana nascimento, cuja obra será matéria para a oficina literária.

2.2 LETRAMENTO LITERÁRIO

Em um mundo atravessado pela escrita, a leitura é uma competência essencial para a vivência e sobrevivências dos seres humanos na sociedade ocidental. Dos níveis mais elementares da vida cotidiana aos mais abstratos e complexos da vida pública, saber ler é pré-requisito para inserir em um mundo cujo poder do domínio da palavra possibilita transformações individuais e sociais. Nesse sentido, a leitura está longe de ser apenas uma atividade de decodificação, mas antes uma prática social que se insere em contextos muito mais amplos do que aquilo explícito em um texto escrito. Por isso, ao se falar em letramento, estamos nos referindo às “práticas sociais da escrita que envolvem a capacidade e os conhecimentos, os processos de interação e as relações de poder relativas ao uso da escrita em contextos e meios determinados” (STREET, 2003 Apud COSSON. SOUZA, 2011). No entanto, considerando os avanços tecnológicos do contexto digital, principalmente da internet e das redes sociais, não há como também não se considerar que essas práticas sociais extrapolaram a própria escrita e ganharam novos formatos e conteúdos que se atualizam constante e rapidamente a ponto de os procedimentos de ensino que visem ao letramento eficaz necessitem adequar-se na mesma frequência.

Nesse sentido, cabe à nossa sequência didática a proposta da Pedagogia dos Multiletramentos em que se aspira a uma formação de um leitor capaz de manusear diferentes formas de linguagem em diferentes modalidades e culturais, de modo a favorecer a diversidade. Essa abordagem foi desenvolvida pelo Grupo de Nova Londres em 1996, o qual, segundo Márcia Aparecida Vergna, em seu artigo “Concepções de letramento para o ensino da língua portuguesa em termos de uso de artefatos digitais” (2020), defende que a escola deve inserir várias linguagens, para além da verbal, no contexto do letramento, pois é notável que há uma multiplicidade semiótica da constituição dos textos, como também multiplicidade de culturas, as quais devem ser consideradas no ensino de língua. De acordo com Bill Cope e Mary Kalantziz (2009 apud VERGNA, 2020), a Pedagogia de Multiletramentos baseia-se em 4 processos de conhecimentos, a saber: experienciando o conhecido/o novo, conceitualizando por nome/ com teoria, analisando funcional e criticamente e aplicando apropriadamente/criativamente os diversos gêneros discursivos com que o aluno pode ter contato. Por esses processos, entende-se que os estudantes são deslocados da posição de

receptores para produtores de conhecimento, entrando aí o conceito fundamental de design (ou projeto). Como afirma Vergna (2020), citando Cope e Kalantzis (2009), afirma que esse conceito possui três aspectos, os quais

designs disponíveis referem-se às formas representacionais encontradas. Para eles, os padrões e convenções para representação de significados podem ser constituído de modo (linguístico, visual, áudio, gestual, tátil e espacial), de gênero (a forma que um texto possui) e de discurso (a forma que significa fazer tomadas em uma instituição social). Designing é o ato de apropriação, de “revozeamento” e de transformação dos designs disponíveis; refere-se à apropriação dos projetos disponíveis para fazer as representações do mundo ou de outros para si ou para os outros (como escrever, falar, tirar fotos, ler, ouvir, visualizar, por exemplo). Com isso, cria-se um novo design, uma expressão da voz do aluno. O redesigned refere-se às transformações ocasionadas nas pessoas e no mundo pelo ato de projetar. (VERGNA, 2020, p. 8)

Seguindo essa linha metodológica, assumindo o ponto de vista de Roxane Rojo (2009), o professor de língua portuguesa deve introduzir em suas aulas uma diversidade de gêneros discursivos que incluam as múltiplas linguagens. Por isso, adotamos como prática de design a exposição dos alunos no aplicativo PADLET, o qual é uma ferramenta virtual que possibilita a criação de murais colaborativos e interativos, de modo que se podem registrar e produzir conteúdos multimídia, como texto, imagens, vídeos, sons, entre outros elementos.

Paralelamente, entra também a especificidade do texto literário, em que o letramento literário seria “[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67). A construção literária de sentidos consiste na maneira como determinando conteúdo é expresso em uma forma autônoma cuja linguagem é pensada para ser altamente significativa para criar efeitos expressivos diversos. Saber apropriar-se disso tudo é o que se espera como objetivo do ensino de língua portuguesa, principalmente para o ensino de literatura. Rildo Cosson (2006) instrui que a aula de literatura deve ser como foco a leitura do texto literário de modo a constituir uma comunidade leitora. O autor sugere três estratégias metodológicas as quais podem propiciar tal intento: a oficina, a técnica do andaime e a técnica do portfólio. A primeira diz respeito à alternância entre leitura e produção escrita, de modo que o estudante seja incentivado a não só ler como também exercer a escrita criativa. A segunda tem a ver com um trabalho do professor como uma espécie de tutor em que os estudantes são autônomos para fazer as suas pesquisas. Por fim, a terceira consiste no registro do trabalho em processo, o que ficaria registrado no PADLET. Tais estratégias serão mescladas ao longo da sequência didática sugerida ao fim deste trabalho, que tem como o foco gênero lírico.

Anatol Rosenfeld (2006), ao distinguir o gênero lírico dos gêneros épico e dramático, entende que um dos traços distintivos fundamentais é a tendência de na Lírica haver “a plasmação imediata das vivências intensas de um Eu no encontro com o mundo, sem que interponham eventos distendidos no tempo (como na Épica e na Dramática)” (p. 22). A essa intensidade expressiva das emoções e da subjetividade, liga-se o uso do ritmo e da musicalidade das palavras e dos versos. Na forma poema, portanto, articulam-se as imagens poéticas suscitadas pelo uso de recursos que exploram a conotação da língua e suas possibilidades semânticas aos recursos sonoros, como rimas, repetições ou próprio ritmo, e visuais da própria palavra, para criar diversos efeitos expressivos.

Entre as diversas formas em que o literário se manifesta, o gênero lírico é aquele que, em termos de letramento literário, configura-se como o mais desafiador para muitos estudantes (e professores). Primeiramente, essa dificuldade de apropriação advém da própria natureza intensamente expressiva em uma forma como o poema, cuja organização literária é concisa e que o aspecto sonoro pode também contribuir para a construção do significado. As imagens poéticas sugeridas pelo texto podem também serem difíceis de se compreender quando há uma seleção lexical e uma estrutura sintática que, estranhados pelos leitores do século XXI, podem causar dificuldade de acessá-las. Em segundo lugar, como afirma Helder Pinheiro (2018), recuperando diversas pesquisas recentes, o poema tem sido uma das formas literárias menos privilegiadas nas escolas, seja por uma escolha dos professores, das editoras, seja por uma valorização de editais públicos voltados ao ensino básico. Por parte dos docentes, por vezes a dificuldade vem também porque eles não são leitores de poesia ou então não possuem um repertório diversificado que possa ser “adequado” ao contexto de ensino em determinadas faixas etárias ou de série escolar.

Em todo caso, como aponta Pinheiro (2018), “não podemos cair no didatismo ou no moralismo que sobrepõem valores preestabelecidos à qualidade estética.” Esse didatismo seria uma tentativa considerar que a leitura de poemas deve ser útil, por exemplo, para aprender conhecimentos sobre a língua, principalmente no âmbito gramatical, os quais reduzem a potência da poesia à mera descrição ou à veiculação de informações linguísticas, sem nenhuma reflexão, crítica ou fruição estética autênticas. Por fim, a questão do moralismo também é um obstáculo, uma vez que muitas vezes se excluem determinados poemas porque eles podem “ferir” princípios morais de grupos específicos que consideram a arte como algo que levaria a comportamentos “subversivos”. Nossa proposta vai totalmente de encontro a esses moralismos, pois defendemos o questionamento desses mesmos princípios morais para ampliar horizontes.

Portanto, neste trabalho, buscamos articular como a Pedagogia dos Multiletramentos e a centralidade da obra literária na sala de aula podem ser ferramentas metodológicas para sustentar também uma perspectiva queer sobre os poemas selecionados de Tatiana Nascimento. Porém, antes de avançarmos, é necessário uma ressalva: não se defende neste trabalho um letramento queer, uma vez que a junção desses dois termos implicaria uma compreensão possível de uma prática que vise estritamente ao universo queer, quando, na verdade, usar o letramento pela perspectiva queer significa na verdade um olhar específico sobre determinadas manifestações literárias que são atravessadas pelas questões de gênero e sexualidade, sem, no entanto, entendê-las como únicas categorias relevantes para a compressão dessas mesmas manifestações, como é o caso da obra de Tatiana Nascimento, a qual a categoria de “raça” também a perpassa. A “lente” teórica utilizada neste trabalho visa apenas privilegiar determinados aspectos de como a apropriação de um texto literário, no século XXI, pode ocorrer, sem esgotar ou menosprezar outras entradas e intersecções.

Dito isso, a Teoria Queer se ajusta à própria ideia da perspectiva teórico metodológica da Pedagogia dos Multiletramentos justamente por desafiar qualquer sistema unívoco de representação, uma vez que preza pela diversidade de manifestações das quais os textos de Tatiana Nascimento são exemplos.

2.3 TEORIA QUEER E O CUÍRLOMBISMO

A Teoria Queer surge a partir da perspectiva pós-estruturalista, justamente por repensar o estruturalismo, marcado por rigidez binária, de modo que os estudos queer

“utilizam de seus conceitos epistemológicos para desnaturalizar noções primitivas de gênero e sexualidade, apontar incertezas sobre aquilo que a hegemonia heteronormativa postula como essência do ser e, assim, questionar esses ideais de verdades que ignoram outras formas de identidade nas práticas sociais, nas decisões políticas institucionais e nas crenças do imaginário social”. (JÚNIOR; CARNEIRO, 2021)

O termo queer vem de uma ressignificação de um xingamento em inglês que equivale em português ao que seria bicha, veado, boiola. Essa ressignificação é uma atitude política que visa a deslocar o sentido negativo como uma forma de inferiorização para uma reivindicação que desestabiliza a própria noção primária de normalidade que a cria. Nesse sentido, é uma apropriação “de uma identidade imposta a fim de politizá-la e, assim, transformá-la em ferramenta de luta teórica” (PELÚCIO, 2016, p. 131).

Como afirma Richard Miskolci (2012), em “Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças”, a teoria queer surge como um movimento político antes de ser teórico, pois aparece durante os anos 1980 como uma forma de protesto à negligência do Estados Unidos (EUA) em relação ao combate à epidemia da Síndrome da Imunodeficiência adquirida (SIDA/AIDS). Lá nos EUA, o Estado, embebido em valores conservadores, considerou a epidemia como uma espécie de “castigo” aos homossexuais por acreditar que seu comportamento sexual causou a epidemia, uma vez que não se enquadravam nos padrões heterossexuais. Isso motivou, por exemplo, o manifesto Queer Nation, cuja ideia “de que parte da nação foi rejeitada, foi humilhada, considerara abjeta, motivo de desprezo e nojo, medo de contaminação. É assim que surge o queer, como reação e resistência a um novo momento biopolítico instaurado pela aids.” (MISKOLCI, 2012, p. 26).

Conforme bem observa Miskolci (2012), o grande desafio para o queer não é a defesa da homossexualidade, mas a problemática da abjeção. Ser considerado abjeto por uma sociedade significa essa exclusão com repugnância por estar fora da heteronormatividade e ser visto como uma ameaça a uma suposta estabilidade dessa identidade. Aqueles que não correspondem ao padrão da norma mítica, definida, de acordo com Audre Lorde, como “branco, magro, macho, jovem, heterossexual, cristão e financeiramente estável” (LORDE, 2019), representam uma ameaça para a qual justificaria uma série de movimentos que visam a expurgar a diferença de Eu, isto é, todos os Outros que, de algum modo, abalam essas certezas. Nesse sentido, aquele que o abjeto deve antes questionar a norma mítica e, em seguida, trazer as diferenças que tencionam verdades universais para, de algum modo, subverter e dismantelar as opressões.

Seguindo essa linha de pensamento, um dos pressupostos da chamada teoria Queer é o de ir contra qualquer tipo de normatização e hierarquia, uma vez que essas duas formas de organização das sociedades ocidentais cria um contingente de pessoas que não enquadram nesses padrões e são excluídas. Partindo da ideia de performatividade da teoria linguística, a Teoria Queer entende que umas das formas de criar essa opressão parte do gênero, o qual não é algo natural em si, mas sim uma construção social. O ser “homem” e o “ser mulher” não são essenciais em si, diferindo de uma concepção que os naturalizou pela crença de que haveria uma ligação necessária entre o sexo biológico e a expressão cultural do gênero. No entanto, como indica Judith Butler, “O gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva” (Butler, 2002, p. 64)”. Isso pode ser estendido também para a sexualidade, uma vez

a relação amorosa, afetiva, sexual entre pessoas de sexos opostos seria a relação a única relação possível, pois seria a única, biologicamente, possível para a reprodução. Portanto, tanto gênero quanto sexualidade são categorias que foram padronizadas pelo binarismo “homem”/ “mulher”, em uma relação heterossexual com vistas à (desejada) reprodução humana, excluindo, portanto, outras performances de gênero e de sexualidade.

No entanto, como seres sociais, os humanos não se relacionam amorosamente apenas para a reprodução, de modo que muitos outros fatores são envolvidos, como, por exemplo, o fator econômico. O ideal da família composto por um casal composto por um homem e uma mulher em um relacionamento monogâmico com filhos é uma idealização burguesa a qual não corresponde à natureza, mas sim a um construto social desenvolvido no interior de uma sociedade inserida no sistema capitalista, que, por sua vez, carrega as marcas de uma moralidade cristã em que tal formato é considerado sagrado. Portanto, indivíduos que não performam o gênero em termos binários, bem como não exercem a heterossexualidade nesses termos são considerados ameaças e abominações da natureza por aqueles que cumprem (ou deveriam) as normas estabelecidas pela sociedade patriarcal capitalista.

Logo, ao entender que masculino e feminino são coisas essenciais, a heterossexualidade também não o é, de modo que a homossexualidade seria apenas mais uma manifestação das relações afetivas entre humanos. Todavia, ao se criar um padrão de comportamento, agrega-se a ele o status de normalidade e, àquilo que não se encaixa, de anormalidade. Essa categorização cria uma hierarquia, pois aqueles que se consideram “normais” acham-se superiores àqueles considerados como “anormais”, os quais têm de ser, no limite, exterminados para a segurança desse padrão. Surge aí a violência da qual muitas pessoas são alvo. Conforme afirma Richard Miskolci (2012), ao ler a obra de Judith Butler, “o queer é uma nova política de gênero”, a qual questiona as normas do poder disciplinar que criam os sujeitos. Ao tecer esses questionamentos, os estudos queer não fazem uma defesa da homossexualidade, mas uma defesa da própria diferença como uma forma legítima e não inferior de existência.

Essa perspectiva, portanto, de não só reconhecer, como também compreender que o Outro é uma forma válida de existência, justamente por compartilhar traços comuns, mesmo mantendo a diferença, é o que me interessa, em um primeiro momento na Teoria Queer. Nesse quesito, compreender como categorias como “gênero” e “sexualidade” surgem nos textos de tatiana nascimento é um objetivo de um letramento nessa perspectiva, mas que não se esgota apenas nessas variáveis, pois, na verdade, o que se quer é perceber como uma determinada forma de enunciação do texto dessa poeta desafia o status da heteronormatividade, bem como

denuncia o que atravessa a experiência dela: o racismo. Isso também passa pela própria construção literária da autora que desafia o próprio caráter disciplinador pela linguagem.

Segundo Larissa Pelúcio (2016), a inserção da Teoria Queer no Brasil ocorreu principalmente via pensamento acadêmico universitário, que, por vezes, “higienizou” a história do termo, o que para essa pesquisadora perde a conotação política que inicialmente teve. Por isso, ela propõe uma adaptação do Queer para o contexto dos nossos “saberes de cucarachas”, o que evidencia uma assimilação antropofágica da teoria estrangeira à realidade latino-americana brasileira. Seguindo esse posicionamento, o cuírlombismo para tatiana é o neologismo empregado para dar conta de uma proposta estética que intersecciona a questão de gênero, sexualidade e negritude a partir da experiência principalmente brasileira. A autora mesma publicou o ensaio “cuírlombismo literário” em 2018, no qual, à maneira de um manifesto, prega-se que

um achar-se ao achar a encruzilhada – ou, outra metáfora de Exu, deus da comunicação, num jogo curto de palavras declamando autoconstituição que montei a partir do verbo preto, ou empretecido. na segunda edição do livro, reconfigurei “queerlombismo” como “cuíerlombismo”, me apropriando da artimanha sudaca de tradução-retomada de termos gringos para que tenham mais nossa cara ou u: recurso de descolonização conceitual que tem explorado a morfologia de um termo gringo pra reassentar sua semântica em bases mais latinas, pelo processo de rasurar/reescrever esse conceito-chave, “teoria queer/ queer studies”, sobre o qual tantas disputas têm sido feitas dum jeito que tenha a nossa (múltipla) cara: cuír, kuír, cuia (NASCIMENTO, 2018).

Como afirmam Alice de Barros Gabriel e Juliely Nóbrega dos Santos (2020), tatiana faz a tradução do termo queer relacionando-o à retomada da ancestralidade afrobrasileira, de modo que marca uma posição de valorização dos ítans de Orixás para evidenciar como a sexualidade é fluída na própria gênese mitológica dessas figuras sagradas. Segundo essas pesquisadoras, Quilombismo é um conceito que advém dos estudos de Beatriz Nascimento, recuperado e aprofundado por Abdias do Nascimento, o qual consiste na ideia de que o quilombo, enquanto espaço da coletividade, é uma forma de resistência ancestral em que a hierarquia do mundo branco, bem como as opressões e violência do colonialismo, são postas em suspensão a favor de “reivindicar o direito ao passado, à memória de África que conecta toda a população amefricana” (GABRIEL; SANTOS, 2020, p. 40).

Na obra em análise, tatiana constrói seus poemas trazendo diversas referências mitológicas da ancestralidade para fazer, além de denúncias ao projeto da norma mítica, como também um espaço de resistência. Se no cerne do conteúdo de seus poemas, tais temáticas são essenciais, na forma não seria diferente: tatiana explora a potência imagética e sonora da linguagem para construir poemas cujo lirismo assenta nessa subversão das convenções da

própria língua, como também do gênero lírico clássico. Nesse sentido, a partir da perspectiva queer, espera-se que o estudante compreenda de que maneira a poeta se apropria de diversos recursos para construir seu projeto literário.

3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA – OFICINA DE LEITURA LITERÁRIA

Como ficou explicitado na seção anterior, o lirismo de Tatiana Nascimento bebe da fonte de religiões afro-brasileiras, principalmente a umbanda e o candomblé. Infelizmente, tais manifestações religiosas são alvo do preconceito advindo, por vezes, do desconhecimento sobre essas práticas. A demonização desses mitos a partir da perspectiva cristã colaborou bastante para a difusão de um imaginário que liga essas tradições a um espectro da maldade e das coisas ruins, as quais, por extensão, são diretamente ligadas aos corpos negros, sendo, por conseguinte, mais uma faceta do racismo que impregna a sociedade brasileira. Considerando que a literatura tem o potencial de fazer o reconhecimento de si nos outros, por mais diferentes que eles possam ser, trazer a poesia de Tatiana para a sala de aula pode colaborar não só para desconstruir o lugar comumente negativo a que os mitos afrobrasileiros são relegados, como também, pelo questionamento de hierarquias e das diferenças estabelecidas, reconhecer outras formas de sexualidade e de gênero não como aberrações, mas como possibilidades do humano.

Para esta atividade, é importante que a escola tenha uma infraestrutura adequada como acesso à computador e projetor em sala de aula. Além disso, o fornecimento de internet é necessário para que os estudantes possam efetuar as tarefas propostas. Considerando a realidade da maioria das escolas públicas brasileiras, esta proposta pode ser desafiadora, mas não impossível, uma vez que se pode adaptar esta sequência de acordo com as ferramentas que o professor e os estudantes tenham à disposição.

Especificamente pensando em literatura, a sequência didática a seguir tentará sempre trazer esse conhecimento, incitando os estudantes a pesquisar sobre vocabulários e expressões que possam ser desconhecidas para, em seguida, fazer uma análise da obra que valorize a maneira como a poeta vincula o conteúdo do poema a sua forma, de modo a verificar quais efeitos expressivos são alcançados. A sequência didática é dividida em 4 momentos em 6 aulas, em que a metodologia adotada tentará partir da Pedagogia dos Multiletramentos, pois, para além da leitura do texto poético, os estudantes serão convidados a experimentar outras manifestações artísticas que tenham o mesmo pano de fundo cultural para fomentar o repertório e também auxiliar na própria compreensão dos poemas. Para tanto, o uso da tecnologia será

indispensável, principalmente na utilização da plataforma *Youtube* em relação a mídias audiovisuais e o Padlet² como plataforma para o registro das produções que serão solicitadas para os estudantes, o qual tem como finalidade a construção de mural que ilustre o projeto poético da autora em estudo.

1º momento – aula 1 – experienciando o novo, conceitualizando com teoria

A dinâmica que se propõe nesta sequência didática tentará sempre alterar a posição hierárquica entre professor e aluno a começar pela disposição espacial dos estudantes na sala de aula, pensando numa aplicabilidade desta oficina para a atual estrutura das escolas em que a aula acontece em uma sala, mas nada impede que o/a docente possa realizá-la em outros espaços, como bibliotecas ou espaços abertos. Os/as estudantes deverão ser divididos em seis grupos (ou mais grupos, a depender do contexto), os quais poderão ter tamanhos variados a depender do tamanho da turma, desde que seja possível que haja o número suficiente para que todos/as possam efetivamente participar das discussões sobre os textos.

Em um primeiro momento, os estudantes serão convidados a conhecer a autora pela sua obra a partir de sete poemas curtos, tal qual haikais, que compõem o livro “lundu”. Os alunos poderão manusear o livro físico, os quais o/a docente pode fazer circular, no mínimo três exemplares, pela sala. O importante desta etapa é que os alunos tenham acesso à obra literária em sua materialidade, observando os detalhes do próprio objeto como a capa, a tipografia das letras, a disposição gráfica dos poemas na página, prestando atenção, inclusive, onde está localizado o poema que cada grupo ficou responsável por ler.

Os seis poemas encontram-se até a página 15, os quais, de modo geral, já dão a tônica do restante da obra. Os estudantes devem escrever uma breve análise de seus poemas no Padlet. O professor deve auxiliar na leitura, provocando-os com questionamentos, mas deve deixá-los livres para manifestarem o seu entendimento dos textos. Para fins de guia de leitura, apresentam-se os poemas³, na ordem em que aparecem no livro, e uma breve análise⁴, a qual de maneira alguma deve ser encarada como definitiva, mas como uma possibilidade de leitura.

Figura 1 – poema “marabô”

² Os alunos devem ser instruídos previamente sobre a utilização da plataforma.

³ Optou-se por reproduzi-los como imagem para manter a experiência da leitura mais próxima da materialidade proposta pela poeta, opção que se coaduna com a de Maria Carolina Rodrigues Bastos da Silva (2023) em sua dissertação de mestrado.

⁴ Alguns poemas foram analisados por Maria Carolina Rodrigues Bastos da Silva (2023) em sua dissertação de mestrado, o qual se encontra devidamente referenciada quando se trata de sua produção.

marabô

achei (que) você, (estava numa) encruzilhada
(devanei(gr)os desde meu cuíerlombismo)

Fonte: imagem retirada de tatiana nascimento (2017), página 7.

No poema “marabô”, o qual abre a obra, o eu lírico, em 3 versos, incluindo o título estabelece uma interlocução com uma figura chamada marabô, o qual, segundo Silva (2023),

Desde o início, a obra chama essa entidade, como uma espécie de saudação, uma vez que, conforme conta a mitologia dos Orixás (PRANDI, 2001), o orixá Exu é o que vem primeiro, pois ele detém o poder da palavra, sem ele o mundo não é mundo. Por isso, esse orixá representa da essência do mundo, ele é a primeira divindade a ser saudada nos rituais religiosos afrobrasileiros. E, sendo Marabô um Exu catiço, que pertence ao universo do orixá Exu, a autora o utiliza para abrir os caminhos das palavras na sua obra. (P. 84)

Sendo assim, o eu lírico aponta para a encruzilhada, entendido como o cruzamento entre ruas, onde a entidade Exu encontra-se. Os vários parênteses entre partes do poema podem ser lidos conjuntamente ao conotarem que, assim como Exu encontra-se nas ruas, ele também se encontra no “devanei(gr)os” do eu lírico em seu “cuíerlombismo”. Os dois neologismos sugerem que o delírio/ sonho/ desejo como forma de enebriar-se do eu lírico pela poesia está embricado a uma existência que em que se cruzam, assumidamente, as identidades preta e queer. Os/as estudantes podem ser motivados pela seguinte questão sobre o poema: “por que a autora escolhe abrir o livro com este poema?”. Eles devem tentar responder à pergunta, de modo a fazer uma pesquisa sobre esse vocabulário e registrar no Padlet as informações via imagens da entidade Exu para ilustrar o mural pretendido ao fim da atividade.

Figura 2 – poema “a revolta de Odoyá”

a revolta de Odoyá.

lame-a ou
deixe-mar.

Fonte: imagem retirada de tatiana nascimento (2017), página 8.

A segunda orixá a ser invocada no livro é Odoyá, ou Iemanjá, entidade que é associada à água. A palavra “revolta” vem do ato de indignar-se com algo, o que surge de uma posição

diante dela que o eu lírico sugere pelo neologismo criado entre o jogo de palavras “lama”, “amar” e “mar”, o qual, segundo Silva (2023),

No poema “revolta de Odoyá”, Iemanjá se revolta diante da violência de seu companheiro e por isso foge. Os signos “lame-a” e “deixe-mar” trazem um jogo sintático que invade o campo semântico, podendo ser lidos como “ame-a” ou como signo “lama”, que é a mistura da água do rio com a pedra que formou a montanha, o que remete à única opção de vida fértil para Iemanjá, que é construído pelo amor, então, ou a ama ou a deixa no mar. Da revolta de Odoyá nasceu o mar, por isso, o mar é cheio de correnteza, lá é o esconderijo de Iemanjá, que, com a ajuda de seu filho Xangô, teve origem. Nesse jogo palavreiro, o signo “mar” adquire uma plurissignificação, que remete também ao verbo “amar”, ou se ama Iemanjá ou a deixa amar no mar, que é onde recebe acolhimento, na casa de sua mãe. (p.86)

A leitura da pesquisadora acima revela a necessidade de os estudantes pesquisarem sobre essa entidade para compreender o poema. Mais uma vez, eles devem trazer imagens dessa entidade para o mural do Padlet para iluminar a leitura analítica do poema. O interessante é ver como o elemento “água” sugere, pela relação com a Orixá, o protagonismo feminino e uma posição combativa, diferentemente da submissão ao patriarcado que a diferença binária de gênero relega às mulheres.

Figura 3- poema “mundo vasto”

mundo vasto:
nessas ruminas da civilização
tudo vira pasto
y soja pra ração.

Fonte: imagem retirada de tatiana nascimento (2017), página 9.

O poema “mundo vasto”, que segue o “revolta de Odoyá”, traz uma outra faceta da poesia de tatiana: uma crítica ferrenha ao sistema capitalista. O título do texto sugere uma intertextualidade com o “Poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade, no qual o eu lírico constrói a imagem de um sujeito que está deslocado por ser um “gauche”, aquele que observa o mundo, mas dele não participa efetivamente. O tom crítico e sarcástico de Drummond também é visto na poesia de Tatiana que observa que, no mundo em que ela se situa, tudo vira matéria para ser explorada pelo capitalismo, incluindo aí as subjetividades. Silva (2023) observa o mesmo quando diz que

O poema mostra que a civilização tem apenas um intuito, que é destituir os sujeitos e reduzi-los a coisas, onde não é possível construir humanização, pois esse único intuito da civilização colonial é explorar a terra em prol do acúmulo de riquezas. Ao longo de sua poética, o que está em jogo é a humanização, por isso Tatiana Nascimento refuta a condição forjada que o mundo colonial entregou ao sujeito negro como única possibilidade de vida, além disso ela compreende que a terra e seu uso indiscriminado é uma das grandes violências promovidas pela civilização colonial. (p. 53)

Chama à atenção que o poema traz dois elementos importantes que dizem muito sobre a economia brasileira nacional, baseada principalmente na exportação de matéria-prima como soja, a qual é alimento para gado, o que justifica o interesse do Estado burguês em manter políticas que favorecem o uso desmedido da terra aos latifundiários que, desde a colonização, mantêm a maior parte das terras brasileiras em suas mãos. Não à toa o eu lírico sugere o neologismo “ruminas” para tanto evocar essa base agroexportadora da economia brasileira, como também qualificá-lo como ruína, algo, portanto, destruído. Nesse sentido, os alunos devem, para ilustrar o mural do Padlet, trazer essa informação para que se visualize melhor como o projeto literário da autora se posiciona diante desse modelo de civilização.

Figura 4 – poema “placas com final sístole ou diástole”

placas com final sístole ou diástole:
o trânsito até que tá fluindo, congestionado tão é os
coração.

Fonte: imagem retirada de Tatiana Nascimento (2017), página 10.

No poema seguinte, Tatiana Nascimento revela como o modelo de vida imposto pelo neoliberalismo corrompe as subjetividades, de modo a adoecê-las não só fisicamente, como também emotivamente, de modo a adestrar os corpos para manter a “normalidade” do sistema. Ao trazer a imagem típica dos grandes centros urbanos do congestionamento devido ao grupo fluxo de veículos, para manter a engrenagem e o fluxo do sistema capitalista, a humanidade é adoecida com as diretrizes de vida a que ela está submetida, os quais não permitem a mecânica da natureza do fluir contínuo, simbolizado ali pelo coração que não bate alternando os movimentos de sístole, contração, e diástole, relaxamento, desse músculo que bombeia o sangue para todo corpo. O conectivo “ou” marca a exclusão dessa possibilidade de fluir naturalmente a vida, o que causa, portanto, o adoecimento dos corpos, das mentes e dos espíritos. O/A docente

deve provocar os estudantes com a seguinte pergunta para ilustrar o mural “O que causa o adoecimento do coração segundo o poema?”.

Figura 5 – poema “F48. 1”

F48.1
cura eh um processo de low-
cura
precisa do tempo tento
passar.

Fonte: imagem retirada de tatiana nascimento (2017), página 11.

Seguido ao poema anterior, em “F48.1”, a poeta traz a imagem da busca pela cura. Considerando os textos anteriores, a restauração do equilíbrio da saúde física e, principalmente, mental demanda tempo, isto é, é um processo que deve requer do indivíduo paciência, pois ela, a cura, não surge subitamente, conforme pensa a cartilha neoliberal do imediatismo. O título do poema é um código CID, o qual está relacionado a uma classificação de doenças. F48.1, de acordo com o Datasus⁵, é o código para a síndrome de despersonalização-desrealização, no qual o indivíduo sente perda das emoções ou desligamento do mundo. O neologismo “Low-cura” marca, portanto, esse quadro psicodivergente que requer que o indivíduo, pela palavra em inglês “low”, que significa “devagar”, tenha um processo de reabilitação de maneira vagarosa. O eu lírico, ao sofrer desse mal, tenta, portanto, curar-se. A pergunta que motivará, portanto, os estudantes para produzir algo para o mural virtual será “o que significa F48.1 e o que isso tem a ver com a estado mental e psicológico do eu lírico e das pessoas na contemporaneidade?”

Figura 6 – poema “delirismo”

⁵ Datasus é o departamento de informática do Sistema Único de saúde, que, entre suas funções, está a de catalogar doenças e transtornos de saúde em códigos alfanuméricos que possibilitem a identificação médica. No caso do F48.1, o site informa que se trata da síndrome de despersonalização-desrealização, a qual é “um transtorno raro no qual o paciente se queixa espontaneamente de uma alteração qualitativa de sua atividade mental, de seu corpo e de seu ambiente, estes últimos percebidos como irreais, longínquos ou “robotizados”. Dentre os vários fenômenos que caracterizam esta síndrome, os pacientes queixam-se mais frequentemente de perda das emoções e de uma sensação de estranheza ou desligamento com relação aos seus pensamentos, seu corpo ou com o mundo real. Apesar da natureza dramática deste tipo de experiência, o sujeito se dá conta da ausência de alterações reais. As faculdades sensoriais são normais e as capacidades de expressão emocional intactas. Sintomas de despersonalização-desrealização podem ocorrer no contexto de um transtorno esquizofrênico, depressivo, fóbico ou obsessivo-compulsivo identificável. Neste caso, reter-se-á como diagnóstico aquele do transtorno principal.” Disponível em: http://www2.datasus.gov.br/cid10/V2008/WebHelp/f40_f48.htm. Acesso em outubro de 2024.

delirismo
 pássaro enjaulado não canta,
 clama
 por justiça
 a gente que finge não entender o recado.

Fonte: imagem retirada de tatiana nascimento (2017), página 14.

Para um primeiro momento de leitura coletiva, escolheu-se o poema “delirismo”. Nele, a poeta tematiza a busca pela liberdade. O eu lírico liga o canto do pássaro a um grito por justiça, ou seja, deseja ser solto porque voar é o seu estado natural. Portanto, prender o que é belo não garante a beleza, ou, em termos poéticos, o lirismo. O prefixo “de” marca, plurissignificativamente, um duplo possível: a loucura da negação do lirismo baseado na liberdade. Essa imagem poética não deixa de evocar a construída no livro “Eu sei por que o pássaro canta na gaiola” (2018) de Maya Angelo, escritora estadunidense que denuncia o racismo e clama por justiça ao povo negro. Quando o eu lírico inclui-se no “a gente finge não entender o recado”, está revelando que o racismo, o qual cerceia a liberdade do povo preto, está entranhando em todos e, portanto, deve ser combatido, como fica claro no restante da obra poética de tatiana. Cabe, como pergunta motivadora para os/as estudantes, pensar como a construção imagética criada no poema relaciona-se ao racismo.

Após uma rodada de discussões entre os membros de cada grupo com a participação do/a docente, ao final da aula, deve-se apresentar um vídeo⁶ para os alunos conhecerem um pouco mais da poeta em estudo. Nele, os alunos ouvirão da própria autora sua biografia bem como elementos que marcam o seu projeto literário. Após o vídeo, os estudantes devem cumprir a tarefa de montar o mural no Padlet com imagens e impressões de leitura. Objetivo, afinal, será a visualização prévia dos temas que movem o projeto literário de tatiana nascimento. Tal mural será, no próximo momento da aula, alimentado por mais análises e proposições de imagens que os textos poéticos selecionados suscitem.

2º momento – aulas 2 e 3 - Experimentando o novo, conceitualizando com teoria

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OBnhGgRVVcs>. Acesso em julho de 2023.

Os poemas selecionados para esse segundo momento têm uma extensão maior que os primeiros. Por isso, eles serão analisados, primeiramente, pelo professor para que os estudantes possam estabelecer relações e analogias e aprofundar o seu repertório, tal como a técnica do andaime, listada por Cosson (2006), sugere. A metodologia consiste em exposições de análise que o/a professor/a fará com a colaboração dos estudantes. Se no primeiro momento priorizou-se a leitura coletiva, neste instante o professor tomará à frente das análises. Tal momento justifica-se, pois, devido à densidade e complexidade dos textos, pode haver dificuldade na recepção por parte dos estudantes, que, por mais que sejam mais maduros (3ª série do Ensino Médio), ainda sim deve-se ter em mente que a leitura de poesia é encarada por muitos jovens como uma tarefa entediada e árdua. A seguir, apresentam-se análises breves dos poemas selecionados para, posteriormente, proporem-se as orientações para a atividade que os alunos deverão executar.

Figura 7 – poema “clichê”

clichê:

de volta às ruminas dessa civilização,
você
bovinamente
a ruína
meu coração
músculo chei de nervura
como fosse
chiclé:
mastiga
mastiga
mastiga atééééé tirar todo sumo
y cospe.

Fonte: imagem retirada de tatiana nascimento (2017), página 21.

No poema “clichê”, tatiana nascimento reforça a imagem construída em “mundo vasto”: como o ideal de sociedade proposto pelo capitalismo destrói não só a matéria, como também a sensibilidade dos indivíduos. De acordo com Silva (2023),

o poema “clichê:” poeticamente conceitua o termo, que designa algo que é corriqueiro no mundo colonial. E, nem mesmo o afeto passa despercebido da lógica de exploração do mundo civilizado. O signo “ruminas” remete à ação de ruminar, que é o ato de mastigar do gado, a partir do ruminar o amor é mastigado e “arruinado” ou destruído, pois a expressão “a ruína” constrói uma dupla significação pela forma sintática em

que a poesia foi construída. O coração, então, é mastigado como chiclete, que lembra o nome do poema “clichê”. Ao final, o poema utiliza da fonética para criar a imagem de mastigação “mastiga atééééé tirar todo sumo y cospe”. O clichê, então, no mundo colonial é a destruição de tudo, inclusive dos corações. (p.60)

A menção ao poema anterior não deve ser feita pelo/a docente, pois a ideia da atividade é que os alunos possam reconhecer essa intertextualidade. Os/as estudantes que estudaram o poema “mundo vasto” podem ser interpelados sobre a possível relação, como também os demais alunos/as. O objetivo é que, no Padlet, os estudantes possam fazer essa análise intertextual para corroborar a interpretação deles, como também tornar mais evidente o projeto literário da poeta.

Figura 8 – poema “prenda minha, v. 3”

prenda minha, v. 3
 rastreada na fé,
 achada no faro,
 pêga no laço.
 alma roubada da perdição amém y salva num afã:
 rude genealogia colonial do amor
 amuja pintada à mão na foto prêmio de presa pagã
 bugre valentia na moldura do avô
 "quando foi de madrugada, prenda minha
 foi-se embora e me deixou"

Fonte: imagem retirada de tatiana nascimento (2017), página 25.

O poema “prenda minha, v.3” evidencia o posicionamento de enfretamento que nascimento assume em seus poemas. Nele, o eu lírico remete a uma tradição do sequestro de mulheres indígenas para serem servas dos senhores de engenho. As aspas, nos dois últimos versos, revelam, pela voz desse senhor, a fuga da amada. Segundo Silva (2023),

Pela visão colonial, tratava-se de uma salvação da perdição que era viver longe dos princípios coloniais, no entanto, elas eram dispostas a um trabalho desumano e contra suas vontades. Porém, longe do arquétipo de Perséfone, que é raptada e permanece sempre sem vontade, a representação feminina no poema é valente, e então escolhe o melhor momento para voltar ao seu lugar, que não pertence ao mundo colonial (p. 38)

revolta dos oprimidos fosse uma atitude radicalmente violenta, uma resposta, do ponto de vista hegemônico, desmedida. No entanto, como Silva (2023) aponta sobre esse texto,

Na última estrofe, Ogum novamente é evocado com a sua cantiga, com tradução: “Ogum mata/extingui com violência; Ogum mata/extingui com razão; Ogum mata/extingui e destrói completamente.”, pois ele é o Orixá da razão, da guerra. Ele quem vence os resquícios da escravidão, que destrói a demanda das expectativas e exploração colonial do corpo feminino. (p. 36 e 37)

Assim como se percebe na análise proposta, o docente deve apresentar o orixá e sua saudação para que os estudantes possam fazer a devida relação com os poemas anteriores. No Padlet, os estudantes podem, por exemplo, relacionar os dois textos anteriores ao poema “revolta de Odoyá”, que também sugere uma reação, como também o poema “delirismo”, em relação a como o corpo das mulheres negras foi violentado físico e simbolicamente pelo racismo e pela cisheteronormatividade. Seguindo a linha das estratégias de resistência a todo esse contexto, o poema “xirê” traz uma possibilidade em que se valoriza a tradição afrodescendente.

Figura 10 – poema “xirê”

xirê:

vi o que as pretas faziam
de branco da cabeça aos
tornozelos, que nos pés
iam descalças

alguém cochichou
"tão ensinando o santo dançar"
intuí:
tão é ensinando o corpo orixá(r).

Fonte: imagem retirada de tatiana nascimento (2017), página 89.

O título do poema xirê remete a um ritual do Candomblé, no qual se invoca os Orixás por meio das suas respectivas músicas e danças. Como o eu lírico observa, as mulheres pretas, todas vestidas de branco e descalças, dançam para invocar as entidades para a roda. Após ouvir um cochicho, que seria uma voz externa ao ritual, o eu lírico revela que a dança é, na verdade, a forma do corpo expressar essa religiosidade, como fica claro no neologismo “orixá(r)” em que, para além de nomear um ser divino, também corresponde a uma ação do próprio corpo, dado a transformação do nome em verbo que o “r” entre parênteses sugere. O professor pode

apontar que a dança nas religiões afro-brasileiras está longe de significar algo ruim; pelo contrário, é uma das formas de expressões do divino e também das subjetividades. Os estudantes podem perceber o vínculo que esse poema estabelece com todos os demais que trazem os orixás para o primeiro plano como é o caso de “marabô”.

Figura 11 – poema “kronos é um deus”

kronos é um deus,
 não um relógio. y a feitura da meteorologia é coisa
 sua né?
 q qdo a gnt se encontrou parece q o tempo ao mesmo
 tempo
 parou y disparou aqui por dentro
 fiquei toda sem medida com vc

 (tambor de todos os ritmos,
 transformai as velhas formas do viver)

Fonte: imagem retirada de tatiana nascimento (2017), página 92.

O poema “Kronos é um deus” traz uma perspectiva importante sobre a percepção do tempo a qual diverge do tempo regido pela produtividade do capitalismo, o qual pode ser apreendido pela menção ao “relógio”. Ao trazer a meteorologia como uma medição do clima proporcionada por quem o eu lírico interpela, mostra-se que o tempo da natureza está relacionado às emoções humanas como o amor. “Ficar sem medida” não é possível para o capital, mas, para a sensibilidade da poesia, é mais do que possível, é necessário. Por isso, o poema ressignifica Kronos como tambor, pois o tambor é um instrumento musical, que, assim como a poesia, precisa do ritmo, que é ditado pelo que é bonito e sensível. Como uma prece, ao usar a 2ª pessoa do plural, a voz poética quer a mudança das velhas formas de viver, o que, pela seleção dos poemas até o momento aponta, tem a ver com todo tipo de preconceito que subjuga o tempo de vida de muitas existências, como dissidentes sexuais e pessoas racializadas. A questão do tempo, portanto, é algo essencial na poesia de tatiana, o que aparece também como alvo de crítica nos poemas “placas no final sístole ou diástole” e “F48.1”. Sendo assim, importante que os estudantes sejam levados a notar essa relação para construir suas análises no Padlet.

Figura 12 – poema “banzêro”

banzêro

saudade não - essa eu aprendi
(depois de mais velha)
mas banzo eu desde sempre senti,
vei comigo de lá de onde eu vim
(muito longe dessa terra)

[pra nina]

Fonte: imagem retirada de tatiana nascimento (2017), página 94.

Finalizando a seleção dos poemas para este momento da sequência didática, “banzêro” evoca um sentimento muito tematizado pela poeta brasileira: o banzo, um sentimento de nostalgia e de melancolia frutos da diáspora dos povos africanos. Como a voz poética parece negar a saudade como um termo de origem lusófona para falar dessa falta, a escolha pelo termo “banzo” marca mais uma vez o reforço das origens africanas, o qual acompanha toda a coletividade a que o eu lírico sente o verdadeiro pertencimento. Essa consciência, dessa forma, é o que aparece como base do cuírlombismo de tatiana.

A tarefa dos/as aluno/as será, então, a partir das exposições feitas pelo/a docente, relacionar ao menos dois poemas desta segunda seleção aos poemas anteriormente analisados pelo grupo da etapa anterior. A finalidade disso é fazer os alunos refletirem sobre o projeto poético de tatiana nascimento percebendo com um mesmo conteúdo temático pode ganhar formas variadas na poesia. Mais uma vez, deve-se alimentar a página na plataforma utilizada com imagens que possam ilustrar aspectos vislumbrados nas respectivas análises dos poemas selecionados.

3º momento – aulas 4 e 5 - Analisando criticamente

O título do poema “lundu” é o nome de uma dança africana cujo teor é altamente sensual. Tal referência antecipa o teor erótico do texto, no qual se devolve um jogo de sedução entre o eu lírico e sua amada. Como uma mulher negra- dissidente, tatiana renova o que se espera dessa dança ao trazer de um amor homoafetivo como aponta Silva (2023)

A eu-lírico é uma eu feminina negra - dissidente, pois desvia da concepção da norma hétero hegemônica, ela quer ser preenchida pela água de dentro da mulher que ama, ela quer se tornar uma só, unindo-se à água de outro corpo. Como se a amante fosse ar que preenche o seu corpo, ela a deseja como água para a sua nutrição corpórea, como o ar que respira, a eu-lírico deseja respirá-la, o gozo da mulher amada é seu respirar. Essa eu-lírico clama por uma continuidade, o erótico é evidenciado por essa partilha de corpos que foge, rompe com a concepção de tempo e com qualquer normatização, (p.89-90)

Pelas referências à água e ao ar, a poeta recupera metaforicamente as Orixás Oxum e Iansã, as quais, conforme a pesquisa de Silva (2023), também tem referências homoafetivas em suas origens mitológicas

Oxum é divindade que representa a força da água doce, é gentil e astuta, e usou de sua persuasão para seduzir Iansã, Orixá que representa a força do vento, do ar e da chuva. Mas Oxum, ao conseguir o que queria de Iansã, tenta abandoná-la. Oxum não contava que Iansã é a senhora do tempo, do ir e vir da vida e, assim, ela persegue Oxum. Com medo, Oxum se esconde do rio e faz dele sua morada. Do envolvimento sexual das divindades, é estabelecida a relação de Oxum e a força do rio, logo sua simbologia mais importante se deve ao fato de ter gozado Iansã um gozo que é fluido e não normativo, visto que são Orixás lidas como femininas (SILVA, 2023, p. 19, APUD nascimento, t., 2019, p. 6).

Sendo assim, a escolha do título do livro marca como tatiana nascimento não só recupera como também renova a tradição afro-diaspórica ao trazer o amor de mulheres negras em uma relação homoafetiva, contrapondo-se a todo os estereótipos racistas a que essas mesmas mulheres foram reduzidas. O poema parece mimetizar o próprio movimento de rio e de mar com o estilo próprio de fluxo da consciência à medida que o eu lírico vai declarando-se a sua amada em versos livres de maior extensão intercalados aos de menor tamanho. Essa forma que busca trazer o ritmo da água para o livro como um todo, como bem afirmou Silva (2023). Para a devida leitura, o poema encontra-se reproduzido na íntegra a seguir.

Figura 13 – poema “lundu”

lundu,

vem cá, deita em mim que nem ar que de tanto amar a
gravidade deita em cima de tudo que tem na superfí-
cie da terra y empurra quem tá dentro dela, ou que
nem água vai se deitando em ondas sobre toda areia
de qualquer praia pela dança do humor das marés,
vindo indo no fluxo do vento, da lua, do sol, até,
se te fizer sentido

ou então chama de F3l.oceânicas se te apetecer, que
elas são imprevisíveis, as ondas são imprevisíveis
pra afobação contida dum relógio, um diagnóstico de
"doença mental". mas vem, deita aqui que eu te rece-
bo, y todo seu desejo, refluxo mas sempre

presente
ao mesmo tempo embrulhado y anunciado do silêncio
que suas várias vozes calam,
mas sempre

presente. eu quero que c me queira tanto y lento
que nem um anú pairando no vento, pra quem o ar é
casa tanto quanto a asa é força da expressão de sua
graça, da engenharia sutil do seu povo, uma herança
alada

que c pouse esse eu me tremer por dentro num sopro
de saliva quente que nem vida significa ar prum anú
muito além da pérola macia da pleura dele...

no querer do seu desejo meu desejo refez inteiro (é
que eu não nasci lésbica)
na arrebenção do meu desejo te quero oceano ao
avesso (uma hipotenusa desértica)
é assim que eu sinto o que é dialética,
y esse meu abandonar também dança

uma diáspora

Fonte: imagem retirada de tatiana nascimento (2017), página 40,

Figura 14 – poema “lundu”

tem um som
 um som que seu cabelo faz no meio do meus dedo
 é quase um tom específico de crespo
 guardado entre as camadas de uma voz
 sua sampleando cada pétala de flores como na sua boca
 toda tragédia fosse
 virar música de novo

(beat box)

é que eu te vi dançar, y em menos de um instante eu
 já sabia que ia fugir tudo dentro de mim se eu não te
 respirasse feito um cheiro antigo estranho
 familiar nítido
 se você não fosse a pele exata da noite embaixo do
 sonho escuro de minhas pálpebra

aí eu voltei lá y prometi pra todas elas, sopro do
 mar, ondas do vento, gotas de sol fossilizando na
 minha pele o corpo evaporado de água-mar em pedrícu-
 las de alma-sal, uma lembrança
 eu prometi que eu dançava um lundu pra você quando
 esse desejo chegasse

y recuasse
 avançasse
 y recuasse
 assentasse

y recuasse molhando fundo ancestral perene turvo tudo
 que transborda de você y eu na beira desse abismo,
 beira do mar.

na beira do mundo, as ondas deitam na maré pra encher
 assim como o vento deita num pulmão pra suceder
 a escuridão deita no horizonte pra anoitecer
 y eu
 deito
 em você.

v. 36

Fonte: imagem retirada de tatiana nascimento (2017), página 41.

Para a quarta e quinta aulas desta sequência didática, o/a professor iniciará a aula provocando os/as estudantes sobre suas percepções preliminares sobre “lundu”. Como ponto de partida, o/a docente pode passar um vídeo da dança⁷ para depois avaliar em que medida os/as jovens notaram quais podem ser as semelhanças e diferenças com os poemas anteriores. O poema selecionado é um dos textos de maior extensão do livro e está localizado na metade dele. Para iniciar o debate, três questões devem ser colocadas: qual a relação entre o poema “kundu” com o título do livro e com todos os poemas lidos até então? Por quais motivos o poema tem essa extensão e a localização no livro? Quais os indícios no poema de uma relação homoafetiva? Deve-se deixar os/as estudantes discutirem tais questões durante a primeira aula, em que

⁷ Como sugestão fica a apresentação vinculada no canal Frutos do Pará do youtube:
<https://www.youtube.com/watch?v=j7RbSk46LMc>. Acesso em julho de 2023.

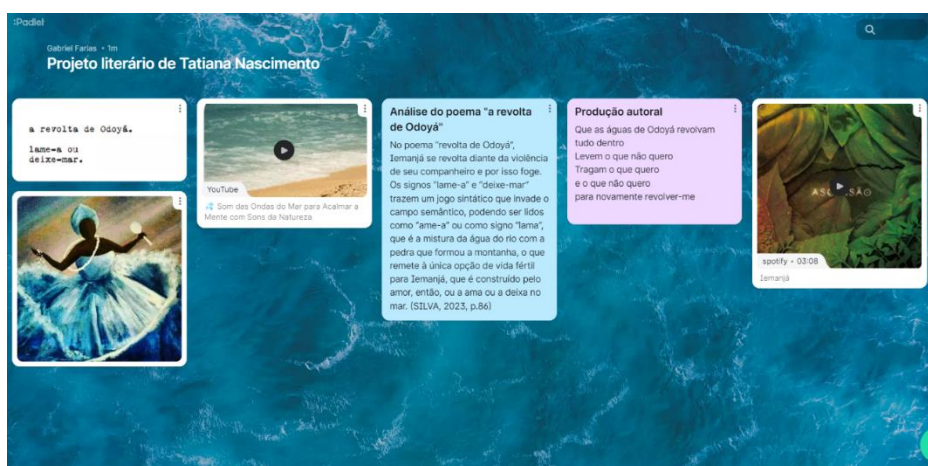
novamente os exemplares do livro devem circular entre a turma. Ao final desse momento, os alunos devem entregar um roteiro preliminar de apresentação das suas leituras, as quais deverão ocorrer na aula seguinte com uma dinâmica da sala de aula investida, na qual os estudantes assumem o protagonismo durante a aula. A regra para balizar as discussões é que os alunos aproveitem o mural do Padlet para desenvolver suas respectivas análises literárias.

4º momento – aula 6 – Aplicando criativamente

Após as apresentações dos grupos sobre as suas análises, os alunos deverão incluir ao Padlet suas próprias produções de poemas inspirados no projeto poético de Tatiana Nascimento. Durante a sexta aula desta sequência, o/a professor/a dará as orientações para a atividade, as quais consistem em escrever, de maneira individual, um poema em verso livre que aborde uma ou mais temáticas que o/a estudante deseje explorar. O/a professor/a pode demonstrar com um exemplo autoral para que os estudantes materializem, por fim, na sua própria escrita, as leituras realizadas. Com fins avaliativos, deve-se aferir a participação dos estudantes em todas as etapas da oficina conforme os critérios pessoais do/a professor/a.

Como resultado, espera-se que os alunos possam produzir murais como o exemplificado abaixo:

Figura 15 – exemplo de mural virtual



Fonte: imagem autoral retirada diretamente do Padlet. Disponível em: <https://padlet.com/gabrielfarias16/projeto-liter-rio-de-tatiana-nascimento-orx0i2apwvi6krgj>. Acesso em outubro de 2024.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia dedicou-se a uma defesa de como o trabalho com a leitura de textos literários pode ser uma forma do estudante observar as diferenças e questioná-las a fim de que construa um repertório não só de leituras, como também de perspectivas de mundo que contribuam para a sua formação cidadã, baseada no que as leis brasileiras de educação prescrevem. Sendo assim, a escolha de um livro como “lundu”, de Tatiana Nascimento, se justificou por esse objetivo maior, uma vez que a obra tensiona várias categorias sociais como poéticas.

Outrossim, a sequência didática apresentada visa a ser uma proposta que mobilize os estudantes a estranharem essas categorias e perceberem como a diferença é instaurada. Como afirma Silva (2000), em seu texto “A produção social da identidade e da diferença”, defende-se que tanto a identidade quanto a diferença não são fixas, isto é, elas não são absolutas, uma vez que resultam de um processo de diferenciação de relações, as quais não são estáveis. Como o autor afirma: “o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não poder ser separado das relações mais amplas de poder” (SILVA, 2000, p. 81). Isto é, a diferença surge primeiramente e, dela, uma identidade, a depender da configuração das relações de poder. Além disso, o autor articula esse processo de diferenciação ao conceito de representação, o qual, na perspectiva pós-estruturalista, “é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido” (SILVA, 2000, p. 91). Portanto, questionar o que está sendo representado é questionar que tipos de discursos estão sendo utilizados para sustentar a identidade e a diferença.

Nesse sentido, um letramento literário que se inscreve a partir da perspectiva queer (ou Cuír, nos termos de Tatiana), deve estranhar aquilo que é encarado como normal, para perceber como os Outros, não somente os dissidentes sexuais, como quaisquer outras diferenças oprimidas, são construídas. No caso dos poemas de Tatiana, notou-se como a poeta articula sua construção expressiva a um conteúdo politicamente situado que requer do estudante uma postura de desconforto, primeiramente, uma vez que os textos abalam estruturas clássicas da própria poesia, como também introduzem conhecimentos que podem ser alvo de discriminações. Após esse movimento de estranhamento, o passo seguinte foi o de compreensão daquilo que é dito e os efeitos críticos e expressivos que as escolhas da autora provocam, de modo que a perspectiva queer para o texto poético desenvolve-se nessa síntese que visa, principalmente, a valorizar positivamente aquilo que antes poderia ser o desconforto não para normalizá-lo, mas para compreendê-lo como possibilidade de reação e de proposição de novos mundos. Essa compreensão passa pela compreensão do que é um corpo e como ele pode ser

alvo de normalizações, limitações, como também pode ser repensando visando a uma maior liberdade do sujeito, o que dialoga diretamente como o fazer literário. Essa proposição de novos mundos, via literatura, surge justamente pela criação poética; logo, nada mais conveniente para a sequência didática do que fazer os estudantes produzirem literatura também.

Essa produção dos estudantes tem como ‘gatilhos’ os poemas de tatiana, os quais não devem ser parodiados, com reescrituras que apenas serviriam a manter distante a obra do estudante, pois manteria a hierarquia autor-público, em que este é apenas um reproduzidor de conteúdo, mas sim uma construção ativa de poesia. Esse trabalho de produção poética autoral dos estudantes é uma forma de democratizar a literatura e evidenciar a potência da poesia para a compreensão de si e dos Outros. A construção do painel no Padlet, para além de ser recurso que fomentar o multiletramento dos estudantes, incorporando diversas linguagens, é uma estratégia que pode fomentar a criatividade dos estudantes, porque a visualização do projeto poético da autora pode suscitar nos estudantes a percepção material de elementos que os ajudem a compor suas próprias obras.

Portanto, espera-se que os delineamentos teóricos e a proposta didática estabelecidas nesta monografia sirvam também de impulsionadores para professores e professoras que se interessem por um letramento literário que de fato mobilize os estudantes a fazer leituras ativas da realidade. Reconhece-se que algumas categorias teóricas, inclusive da própria Teoria Queer, não foram desenvolvidas em profundidade, mas há uma justificativa: este trabalho não tem a intenção de ser um receituário de categorias teóricas as quais são aplicadas em objetos passivos. As sugestões da teoria serviram muito mais a perceber como a prática da leitura de literatura na sala de aula deve ser dinâmica e servir para a formação de leitores ativos, não meros replicadores de fórmulas ou de conceitos. No mais, como sugestão para novas pesquisas, é interessante um diálogo com outras manifestações artísticas como o hip-hop e slam e suas intersecções com a obra poética de tatiana. Além disso, um trabalho mais aprofundado na leitura desses aspectos do sagrado de religiões afrobrasileiras pode ser uma investigação profícua na construção do imaginário que a poeta resgata. Por fim, fica também o incentivo para a pesquisa sobre obras poéticas de autoras e autores da periferia que, por vezes, produzem sem nenhum reconhecimento do mercado editorial nem da academia.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Juliana Cristina Barbosa. Arte y comunicação: in(fluxos) de uma poética de (re)xistência em tatiana nascimento. 159 f. Dissertação de mestrado: Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade/18ª ed. Judith Butler; tradução de Renato Aguiar. - 18ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. Pp. 30, 31, 211.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. 2ª ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2012.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Vinhedo, Editora Horizonte/ Rio de Janeiro, Editora da Uerj, 2012.
- FILHO, Domingos Proença. A trajetória do negro na literatura brasileira. ESTUDOS AVANÇADOS 18 (50), 2004.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.
- FISCHER, Luís Augusto. . Duas formações, uma história: das ideias fora do lugar ao perspectivismo ameríndio. Porto Alegre: Arquipélago, 2021.
- GABRIEL, Alice de Barros; SANTOS, Juliely Nóbrega dos. O cuírlombo da palavra: aquilombamento queer na poesia de tatiana nascimento. Disponível em: www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/emconstrucao. Dossiê: Em construção, arquivos e epistemologia histórica e estudos de ciência. Número 9 \ 2021 • pags. 37-43.
- HALBERSTAM, Jack. A arte queer do fracasso / Jack Halberstam : tradução Bhuvi Libiano; prefácio Denilson Lopes. - Recife: Cepe, 2020.
- JÚNIOR, José Paulo Alexandre de Barros. CARNEIRO, Thaynã, Emanoela Guedes. Gênero, sexualidade e políticas pós-identitárias para a educação: práticas de letramentos queer nas orientações curriculares para o ensino de literatura no ensino médio. In: Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: saberes plurais e resistências / organizadores, Bruna Andrade Irineu, Moisés Alessandro Lopes, Pablo Cardozo Rocon, Marcos Aurélio da Silva, Marcio Alessandro Neman do Nascimento, Marco José Duarte, Daniel Marcelo de Jesus, Jaqueline Gomes de Jesus, Gabriel de Oliveira Rodrigues, Guilherme Rodrigues Passamani. – Campina Grande: Realize editora, 2021. 3616 p. : il.; v. 1.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. “TEORIA QUEER - UMA POLÍTICA PÓS-IDENTITÁRIA PARA A EDUCAÇÃO”. Revista Estudos Feministas, Vol 9, Nº 2. Florianópolis, 2001. Pp. 546-547.

LORDE, Audre. “Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença.” Trad. de Léa Sussekind Viveiros de Castro. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014.

MISKOLCI, Richard. Teoria Queer : um aprendizado pelas diferenças / Richard Miskolci. – 2. ed. rev. e ampl., 1. reimp. – Belo Horizonte : Autêntica Editora : UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2013. -- (Série Cadernos da Diversidade; 6)

NASCIMENTO, Tatiana. da palavra queerlombo ao cuíerlombo da palavra. Disponível em: da palavra queerlombo ao cuíerlombo da palavra | palavra, preta! (wordpress.com). Acesso em setembro de 2024.

NASCIMENTO, Tatiana. Cuirlombismo Literário: Poesia Negra LGBTQI desorbitando o paradigma da dor. São Paulo: n-1, 2019.

NASCIMENTO, Tatiana. Lundu. Brasília: Padê editorial, 2ª ed. 2017.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania M. K. Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 395-418.

PELÚCIO, Larissa. O Cu(de) Preciado – estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. Iberic@ l, n. 9, p. 123-136, 2016.

PINHEIRO, Helder. Poesia na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2018.

QUIJANO, ANÍBAL. Colonialidade, poder, globalização e democracia. In: NOVOS RUMOS, Nº 37, 2002

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROSENFELD, Anatol. O teatro épico. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ROMERO, Roberto (trad). “Manifesto Queer Nation” In: Cadernos de Leituras n. 53. Edições Chão da Feira: Belo Horizonte, 2016.

SILVA, Maria Carolina Rodrigues da. O projeto poético literário cuírlombista de tatiana nascimento: uma análise das obras “lundu” e “07 notas sobre o apocalipse, ou poemas para o fim do mundo”. 116 f. Dissertação de mestrado: Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA [UNESP]; UNIVERSIDADE VIRTUAL DO ESTADO DE SÃO PAULO [UNIVESP] (Org.). Caderno de formação: formação de professores: didática dos conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2011. v. 2. p. 101-107. ISBN 978-85-7983-161-4.

SANTOS, Claudiana Gois. Novas representações literárias do amor entre mulheres como projeto político. Via Atlântica, São Paulo, n. 41, pp. 253-289, jun. 2022. DOI: 10.11606/va.i41.190328.

VERGNA, Márcia Aparecida. Concepções de letramento para o ensino da língua portuguesa em tempos de uso de artefatos digitais. Texto Livre, , v. 14, n.1, jan.-abr. Belo Horizonte 2021.